

## Uma “viagem” entre documentos e fontes

Ana M. Alfonso-Goldfarb\*; Márcia H.M. Ferraz\* & Patrícia Aceves<sup>+</sup>

É bastante frequente a ideia de que muitos dos problemas na complexa pesquisa em história da ciência seriam resolvidos, quase num passe de mágica, a partir do acesso a ricas coleções de documentos. De maneira sábia, porém, G. Canguilhem adverte para os riscos de assumir essa ideia de forma automática e, conseqüentemente, sem critérios prévios. Um de seus exemplos mais conhecidos é o da imensa e suposta biblioteca, capaz de conter todas as obras em ciência do século XIX. Mas, essa espécie de sonho bibliográfico, ele diz, poderá se transformar num labirinto sem saída (e de pouco uso) para alguém que desconheça os meandros históricos e documentais do período, mesmo que bem treinado na ciência presente.<sup>1</sup>

Não é difícil estender um pouco mais as previsões de Canguilhem e considerar que, sem estabelecer previamente os critérios de busca, até mesmo um especialista poderá ver a coleção de seus sonhos transformar-se num labirinto semelhante. Na verdade, sempre e quando uma coleção assim é franqueada, e após a inevitável euforia inicial, todos (sejam especialistas ou não) passam a correr o risco de perder o rumo em seus meandros. Para tanto, bastaria cometer alguma imprudência, como a de imaginar que essas salas do tesouro se abrem, completa e naturalmente, apenas com as chaves de sua porta de entrada. Ou seja, para além de suas portas (físicas ou eletrônicas), quase sempre estão à espreita outros muitos e novos obstáculos.

Nesse caso, caberia um exemplo já bem conhecido, mas nem sempre lembrado: é quase impossível analisar, ao mesmo tempo, em detalhe e por completo (ou seja, item por item e de ponta à ponta) um fundo documental que mereça esse nome. Talvez, se o tempo e a capacidade de análise fossem infinitos, haveria possibilidade de evitar os resultados inócuos desse tipo de voo, míope e sem bússola, sobre longas séries de documentos. Mas, evitar análises pretenciosas e descabidas, como essa, não significa estar livre dos obstáculos. De fato, quaisquer que sejam os arquivos, bibliotecas, museus ou bases de dados – por mais completos ou organizados que pareçam – pouco ou nada terão a oferecer se não forem inqueridos prévia e devidamente.

---

\* Coordenadora do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA), PUC-SP, e-mail: aagold@dialdata.com.br; \* Coordenadora do Programa de Estudos Pós Graduated em História da Ciência, PC-SP, e-mail: mh ferraz@pucsp.br; + Professora Titular, Departamento de Sistemas Biológicos, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, México, e-mail: paceves@correo.xoc.uma.mx

<sup>1</sup> Georges Canguilhem, *Idéologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie* (Paris: Vrin, 1981), em 14.

É possível dizer, assim, que uma maneira viável de superar os obstáculos, internos e eternos, de qualquer fundo documental estaria na proposição de perguntas, logo de saída. Aliás, como visto até aqui, essa seria a melhor, se não a única, maneira de percorrê-los. Não é difícil, porém, que num primeiro momento fique a impressão de estar praticando um contrassenso dos mais grosseiros: como seria possível perguntar algo sobre o que pouco ou mal se conhece? Contraditória só na aparência, a elaboração dessas questões iniciais (e, de fato, de muitas questões futuras) se dará, de forma quase natural, se apoiada em dois princípios básicos para uma boa pesquisa.

Embora, princípios dessa ordem estejam implícitos no repertório dos mais variados estudiosos, nunca é demais lembrá-los. Um deles, mais evidente – pois necessário às pesquisas de toda espécie – será o estabelecimento de hipóteses de trabalho bem fundamentadas. Enquanto o outro, importantíssimo para o tema aqui em pauta, estabelece a necessidade de definir, justamente, o que será (ou não) considerado como documento em uma determinada pesquisa.

Todavia, pode causar uma certa estranheza a necessidade de estabelecer, de antemão, algo que parece auto-evidente. Longe de ser um contrassenso, entretanto, essa definição resgata a ideia chave de que, ante de mais nada, um documento é um constructo. Por sua vez, essa ideia tem um valor sem par em áreas interface, como a história da ciência, pois permite levar em conta materiais que, de outra forma, seriam vistos como descabidos ou incongruentes. Afinal, quem não revisou coleções jurídicas, militares e outras, ainda mais fora de esquadro, enquanto realizava pesquisas em história da ciência? Ou, mesmo, quem não se permitiu o luxo de estudar coleções de arte, literatura e mais além, durante pesquisas semelhantes?

De todo modo, abrir os olhos para outras coleções de aparência, um tanto, exógena ao próprio campo, não significa ampliar, ainda mais, o labirinto possível, até mesmo, em pesquisa convencionais. Ao contrário disso, uma boa definição do que se prevê como documento de pesquisa, quase sempre oferece o fio condutor para sair de qual seja o labirinto. Ou, em outras palavras: apenas com uma previsão conceitual do que se busca, simples objetos físicos (ou virtuais) podem transformar-se em algo de efetivo interesse – desde o início e ao longo de toda a pesquisa.

Seria possível considerar, assim, que algo só se transforma num documento de fato se for identificado e analisado dentro de um marco conceitual. Em especial, para quem visa seus contornos históricos, essas entidades formadas conceitualmente, talvez sejam a melhor maneira de apreender cruzamentos de ideias, lugares e tempos. Cruzamentos que, com frequência, permanecem implícitos nos processos históricos mais complexos e difíceis de averiguar.

Nada impede chegar ainda mais longe, pois como se sabe, ao assimilar esses cruzamentos, um documento também terá recolhido e reconfigurado outros documentos, sejam da mesma época ou de épocas as mais variadas. Por seu lado, estes últimos passam a ser o que se considera, própria e convencionalmente, como fontes do primeiro. Mas, esse mesmo documento, frutos de várias fontes, poderá se tornar fonte de outros documentos. O que equivale a dizer que, nenhum documento é inteiramente contido ou evidente em si mesmo. Atrás de sua aparente unicidade, em geral, existe algum tipo de fissura através da qual se comunicou, ou ainda se comunica, com documentos anteriores que, transformados em suas fontes, lhe emprestam um movimento temporal.

Desta forma, através do diálogo entre fontes e documentos ganha corpo uma espécie de duto temporal capaz de exibir o que ficou, o que desapareceu ou se transformou nos processos e caminhos históricos do conhecimento. Algo que convida a pensar na necessidade de sempre levar em conta as lições assumidas pela filologia nos lides com a documentação. Antes bem assimiladas pela história da ciência, essas lições permitiram saltar, com certa elegância, muitos obstáculos de coleções bastante intrincadas, mesmo que através de perspectivas historiográficas hoje criticáveis.<sup>2</sup>

Alguns poderão, inclusive, pensar que constituir um duto temporal como esse, a partir da conexão entre os documentos e suas fontes, além de difícil, seria desnecessário para quem trabalha períodos modernos. Mesmo assim, bastaria lembrar que nenhum documento válido para a pesquisa é um objeto simples ou independente, mas um constructo. E, como tal será também um ponto que atrai, condensa e reinterpreta outros tempos e outros processos da ciência. Sobre tudo em pesquisa de cunho histórico, é quase impossível não ver um documento como parte desse duto e analisar, ainda que brevemente, suas conexões mais próximas. Sem nenhuma pretensão infantil de contar a história do mundo a partir de um documento, analisá-lo à luz de suas fontes é mais que necessário.

Em resumo, um bom plano conceitual de voo e a escuta atenta ao diálogo entre fontes e documentos parecem ser o que se precisa para encontrar a saída de qualquer labirinto. Aliás, serão a melhor maneira de evitar que qualquer labirinto tome forma durante as pesquisas ou, ainda, de saltar muitos de seus eternos obstáculos.

Através de estudos de caso, os cinco artigos e o ensaio que compõem este dossiê, mostram os excelentes frutos possíveis de se obter quando se conhece, de antemão, os fatores teórico-metodológicos implicados na pesquisa documental. Nomes

---

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, trabalhos como os de Pierre Duhem e Julius Ruska, entre outros que trabalharam sobre originais encontrados em coleções, cuja organização era bastante complexa e/ou mesmo distante daquela moderna.

## **EDITORIAL: DOSSIÊ FONTES**

de reconhecido destaque nas pesquisas ou, mesmo, na organização de fundos documentais, oferecem aqui amostras desse trabalho infindável, mas interessantíssimo. Através dessas pesquisas, os leitores terão o privilégio de “viajar” por coleções mexicanas, francesas, espanholas e, inclusive, chinesas, sem nunca perder o rumo. Esperamos que essa “viagem” estimule muitas outras.